YALE UNIVERSITY LIBRARY

THE LIBRARY OF THE

DIVINITY SCHOOL

THE DAY MISSIONS LIBRARY

INFORMATION OBSCURED

Bind in covers

CONGRESSO COLONIAL NACIONAL

ORIGENS

DO

CHRISTIANISMO NA INDIA

MEMORIA APRESENTADA

POR

João Baptista Amancio Gracias

S. S. G. L.

DE GEOGRAPHIA LISBOA

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
R. do Diario de Noticias 110

1903

LIBRARY OF THE
YALE DIVINITY SCHOOL
NEW HAVEN, CONN.

MT41.6
G753o

Explicação

Quando a imprensa de Lisboa annunciou que se reuniria no proximo dezembro um congresso colonial, sob os auspicios da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, pensei em contribuir para esse importante certamen em que se estimulam as intelligencias e as iniciativas, pelo apreço em que são tidos os seus productos, com alguma memoria que fôsse de tal ou qual importancia historica, e não se me deparou melhor assumpto do que o das origens do christianismo na India, — assumpto que, envolto em lendas e tradições, não póde ainda dizer-se sufficientemente elucidado, nem a minha memoria é a ultima palavra.

Em similhante materia, não ha dogmatismos nem juizos formados. O que é hoje mera presumpção ou conjectura converte-se, com o volver dos annos, em verdades indiscutiveis, assim como estas descambam em lendas e mythos a golpes de escalpello do criterio philosophico.

A figura central d'este trabalho é São Thomé; o seu fim principal o de demolir a pia lenda que, atravez de seculos, tem vindo attribuindo áquelle Apostolo a introducção do christianismo na India.

Elaborada esta memoria no meio de varias outras occupações, natural é que accuse imperfeições.

Venha, porém, penna mais autorisada e vigorosa para as corrigir, que a sciencia muito lh'o agradecerá, pois não convém que na aurora do XX seculo estejamos ainda a embalar lendas e tradições por factos historicos.

Nova Goa, outubro de 1901.

J. B. Amancio Gracias.

ORIGENS DO CHRISTIANISMO NA INDIA

I

Terra de lendas e de mythos, berço de grandes civilisações, a India constituiu sempre um campo das mais seductoras inspirações para o poeta e artista, — de valiosas investigações para o sabio e archeologo. Aqui sorri perenne a natureza. A flora e a fauna sempre fresca e admiravel, offerecendo na opulencia da vegetação e na polychromia da plumagem das aves um dos mais esplendidos espectaculos para o olhar curioso e prescrutador do *touriste*. Um grandioso mosaico de religiões e de seitas, um sem-numero de raças e castas, com o seu extravagante cortejo de usos e costumes, torna a patria de Vyassa um paiz attrahente para quem busca o que quer que se não encontra nem na culta Europa nem na florescente America: o maravilhoso entrelaçado ao encantador.

Tendo sido na antiguidade objecto de estudos de gregos, romanos, venezianos e arabes, que olhavam para a India como a terra de extraordinarios recursos naturaes, onde Salomão mandára buscar os materiaes para o seu grandioso templo [1] e onde, na opinião d'alguns orientalistas, collocou Jehovah o paraizo terreal, ella nunca foi tão bem explorada e esquadrinhada em todos os seus contornos como pelos ingleses, allemães e franceses, a cujas persistentes investigações, em frente de lapides tumulares e escombros de monumentos, se deve a reconstituição da historia pregressa da famosa Bharatavarsa, — historia que tem pontos luminosos, paginas brilhantes sobre a força mental e vigor racial dos indios, sobre a sua constituição organica, familiar e social, sobre, emfim, differentes outros assumptos interessantes, formando o melhor specimen do antigo mundo, o *orbis veteribus notus*.

---

[1] A maior parte dos escriptores localisa *Ophir* na India.

Mas é em especial no ponto de vista religioso que a India se presta a curiosos estudos.

Sem ser extremamente rigorista no cumprimento das obrigações que lhe impõem os Vedas, ella participa em grande parte da caracteristica religiosa da Asia occidental, de que recebeu o mahometismo, e da Asia oriental, á qual deve o budhismo, — resultado genuino da theosophia hindú.

Quando Alexandre, o heroe da Macedonia, veio com as suas formidaveis hostes buscar á India a meta das suas brilhantes aspirações, o complemento da sua esplendida carreira de conquistas e triumphos, não encontrou senão em cada pedra um deus, em cada arvore, em cada regato, em cada objecto material um motivo do mais fervoroso culto entre os hindús. E' que as doutrinas brahmanicas exprimem um pantheismo esoterico por um polytheismo exoterico.

E' admiravel a facilidade com que na India se criam mythos e lendas, deuses e santos, o que concorre bastante para se tornar cada vez mais larga a distincção e renhidos os feudos entre os povos d'uma mesma raça. Emquanto a civilisação se esforça por diluir essas distincções tribuaes e politicas, esses feudos religiosos nos sentimentos da confraternisação social por processos de ordem intellectual e moral, a religião, desmentindo a sua acção unificadora e harmonisante, divide as classes nas raças, os individuos nas classes, perturbando o equilibrio das forças que devem regular o *momentum* social. Descobrem-se continuamente novos objectos de culto que se tornam logo populares; apparecem novas imagens, edificam-se novos templos, surgem novos prophetas a pretenderem a reforma da sociedade, envergando um manto de abnegação que, não raro, passa a ser o habito da mais inqualificavel hypocrisia.

A morte serve de agua lustral para lavar certos homens das suas manchas e levantal-os ao céo da gloria, canonisados pela *vox populi*, de sorte que os objectos do culto hindú variam constantemente, estão em perpetuas transmutações, parecendo que o Céo hindú, como o palacio da parabola persa, não é senão um *caravanseri*. Emquanto o seu magestoso zimborio domina sempre altaneiro, zombando das vicissitudes das estações, os seus habitantes mudam de continuo: uns entram, outros sahem [1].

Segundo as mais notaveis autoridades sobre similhantes assumptos, começou a cosmogonia hindú pelo culto das pedras, — culto que parece traduzir, por completo, a primeira phase do fetichismo indiano e que prevaleceria em todo o paiz se o não viesse combater o symbolismo brahmanico.

A's pedras segue-se o culto das coisas inanimadas dotadas de movimento mysterioso como por exemplo, os regatos, os rios, as fontes. D'ahi os banhos que se tomam nos rios sagrados, a submersão voluntaria, etc.

---

[1] *As. Stud.* por Sir A. C. Lyall.

Ao lado das aguas veem as arvores, cujo culto foi geral na antiguidade pagã: no Oriente e no Occidente. Adora-se uma arvore como uma coisa de temer, possuindo existencia sensciente e força mysteriosa, provada pelo movimento dos ramos e cicio das folhas. Arvores fructiferas teem tambem o seu culto por produzirem bons fructos, e em volta d'ellas sagra-se logo uma deidade; um tronco de similhantes arvores, isolado e solitario, torna-se a habitação d'um espirito impalpavel, suppõe-se logo sagrado tal sitio, porque se lhe liga um mytho ou lenda local ou porque algum asceta levou a sua aberração religiosa ao ponto de erigir ahi um templo ou ainda porque algum *yogui* fixou lá o seu eremiterio, consagrando-se ao culto do deus local.

As arvores teem particular fascinação para a faculdade creadora dos indios. Os maiores feitos das armas, os mais nobres rasgos de heroismo, as mais phantasticas lendas veem sempre enredadas com as folhas ou ramos das arvores; e um rei até deveu a sua corôa a ter comido a cabeça d'um pavão á sombra da arvore kadhamba.

O tigre, o lobo, o macaco, a cobra e em geral todos os seres que, pelo seu aspecto ou qualidades, atemorisam e sobresaltam o homem, são na India objectos de particular reverencia. Como um d'esses seres póde elevar-se ás eminencias de deus, se vê no exemplo de Hanuman, o qual, a principio simples macaco, chegou a tornar-se, passando pelo cadinho de fabulas heroicas e lendas dos bosques, o deus tutelar universal de todas as aldeias.

Suppõem os orientalistas que Hanuman tenha sido introduzido na mythologia indiana, da idolatria aborigene ou não-aryana. Ha tambem quem diga que elle foi, em tempos antigos, chefe d'uma tribu aborigene nas remotas florestas da India, parecendo poder originar-se n'este facto a curiosa lenda que dá ao simio um logar conspicuo no olympo hindú.

O certo é, porém, que as tradições e os attributos que se alliam a Hanuman mostram o processo por que, na India, um simples animal, temido pela sua fealdade e habitos semi-humanos, se torna logo um rei da classe simiana, depois um genio poderoso, immergindo afinal na auréola do divino *avatar*, envolto em extravagantes fabulas para explicar as suas metamorphoses.

Após as coisas e animaes medonhos e feios, vem o culto de creaturas e coisas uteis que evitam o mal, como por exemplo, o gado, que é a riqueza d'uma sociedade simples e pastoril.

Observa Comte que o sentimento que determina esse culto tem concorrido para a conservação de certas especies de plantas e animaes atravez de seculos, quando nenhum dono se importou de os proteger, devendo elles a sua existencia ao apreço em que é tido por todos o seu valor. O seu culto é, portanto, a expressão d'esse apreço, da parte do selvagem, e da ignorancia das leis que a regulam.

Os utensilios e os instrumentos profissionaes participam egualmente dos attributos divinos para a supersticiosa ignorancia do

hindú. O arado para o lavrador, a penna para o escripturario, o fuso para o tecelão, constituem outros tantos objectos de culto.

A idéa, porém, que suggere medo e o consequente culto dos seres invisiveis espirituaes, sem fórma, nome, ou substancia especifica, é ainda mais profunda e abstracta [1].

Cada caverna, cada passo, cada outeiro, tem o seu *déo*, que o homem não vê, mas que sentem os que visitam o sitio, — pastores e viandantes. Investe-se esse ser invisivel da individualidade do homem, embora sem corpo visivel, e, d'est'arte, de espiritos invisiveis em geral, para espiritos invisiveis em particular, se representa a transição para o anthropomorphismo pelo culto dos espectros de parentes fallecidos ou pela necrolatria.

A theogonia indiana creou tambem nos homens vivos os objectos do culto, devendo-se a sua canonisação á circumstancia d'elles se considerarem personagens santos. Quando o rigoroso ascetismo e a piedade se combinam com a fé implicita, desenvolve-se logo a faculdade de milagre. O santo e o eremita podem ter motivos mais profundos, — o triumpho do espirito sobre a materia corrupta, da virtude sobre a vaidade e luxuria, mas é crença popular que a sua força thaumaturgica deriva sómente da austeridade da sua vida. Homens d'esta natureza, logo que expiram, conseguem culto. No decurso d'alguns annos, em quanto se desmaia a côr viva da sua personalidade, faz-se mysteriosa a sua procedencia, toma feição lendaria a sua carreira, reputam-se sobrenaturaes o seu nascimento e morte; na seguinte geração introduzem-se na lenda os nomes dos deuses maiores e assim se converte em mytho a maravilhosa tradição até que só uma encarnação pessoal explique essa serie de prodigios. O homem considera-se ter sido o *avatar* de Vishnu ou Siva; está completa a sua apotheóse e os brahmanes logram assignar-lhe um nicho no Céo orthodoxo.

Eis, pois, em resumidas palavras, o processo regular da theogonia na India, cuja evolução se deve sómente á opulenta imaginação do arya, que sem ter de recorrer ao polytheismo d'outros povos, creou um Olympo de deuses, vasto e admiravel, — imaginação que tem phantasiado innumeras lendas para explicar os acontecimentos mais notaveis de que está esmaltada a historia da India.

II

Demonstrada a aptidão do indio para crear deuses em cada pedra ou arvore, não admira que a introducção do christianismo na India se perca tambem na penumbra d'essas lendas e fabulas.

Em outros povos tem a religião os seus fastos, os seus annaes desde o periodo inicial, reservando-se na historia capitulo brilhante,

---

[1] Cit. op. de Sir A. C. Lyall.

em que os heroismos da abnegação correm de par com os maiores prodigios da actividade intellectual, — em que a palma do martyrio se entrelaça com o laurel de sabio.

Na India, porém, observamos o contrario. Terra aliás essencialmente religiosa, em que o fanatismo, começando por tolher a evolução moral do individuo, acaba por lhe embotar as faculdades de reflexão e de iniciativa, ella tem a sua historia envolta nas mais densas trevas, permanecendo sempre uma, como a esphinge terrivel a desafiar o espirito investigador dos que lhe procuram contornar a feição moral, social e religiosa.

Nenhum viajante europeu nos dá uma narrativa clara e insuspeita do preterito dos indios, nem mesmo os historiadores gregos que se occuparam da historia das invasões das dynastias de Dario, Alexandre, Seleuco, bactriana ou scytha [1]. O que elles procuraram sempre pôr bem em relevo, fôram as façanhas dos seus capitães, os heroismos militares, os feudos em que se dividiam os povos que elles visitavam.

Estudar-lhes o caracter, o *facies* moral, os costumes, as crenças — a isso só um ou outro se abalançou sem, todavia, grande exito. Eram tempos em que a espada talhava reinos, — em que só no campo de batalha se decidiam os destinos dos povos, — em que, finalmente, ainda se não conhecia a philosophia da historia e o criterio scientifico.

O escriptor offerecia ao publico o fructo das suas impressões subjectivas de momento, sem que lhe merecesse particular attenção o objecto que pretendia descrever. D'ahi o exagero em que incorreram, a inverosimilhança de que se revestem a maior parte dos livros e narrativas dos antigos viajantes europeus.

Ibn Batuta, Marco Polo e Fernão Mendes Pinto, para não irmos ás epocas mais remotas, devem tomar-se com reserva na materia de que se occupam. As suas descripções teem algo de exagerado, na maioria dos casos parecem contos ou anecdotas.

---

[1] O primeiro historiador grego que faz menção da India é Hekataios de Mileto (549-486 A. C.); mais desenvolvidamente fallam d'ella Herodoto e Ktesia, o qual, tendo vivido alguns annos na Persia como medico do rei Artaxerxes Mnemon, colligiu materiaes durante a sua permanencia para um tratado sobre a India, que foi a primeira obra sobre a India escripta em grego. As suas descripções, porém, cheiram a fabula.

Os companheiros de Alexandre foram os que levaram ao Occidente noticias exactas da India e dos seus habitantes. O grande conquistador trouxe comsigo eminentes homens para descrever as suas proesas e os paizes que percorresse; d'ahi as bellas memorias e narrativas, como as de Baeto, Diognetos, Nearchos, Onesikritos, Aristobulos e Kallisthenes.

Depois d'elles, escreveram sobre a India Deimachos, que residiu algum tempo em Palibothra como embaixador de Seleukos junto á côrte de Allitrochades, successor de Sandrakottos; Patrokles, almirante de Seleukos, que pensava que a India podia ser circumnavegada; Timosthenes, almirante da frota de Ptolemaios Philadelphos e auctor d'um trabalho sobre portos; e, finalmente, Megasthenes, cuja obra sobre a India foi a principal fonte d'onde colheram informações os escriptores posteriores. (Vid. *Indian Antiq.*, vol. VI, p. 113).

Demais, nem todos os historiadores e escriptores antigos, que se referem á India, tratam da região que hoje se conhece como tal.

Essa palavra tinha, nos primitivos tempos, significação bastante lata. Incluia quasi todo o oriente, abrangendo até a China.

Ouçamos o coronel Wilford que, n'um interessante ensaio historico sobre a geographia antiga da India, elucida muito a nossa questão:

«O mais antigo nome da India que conhecemos é *Colar* que subsistiu até á chegada dos sectarios de Brahmá e que ainda se usa entre as numerosas tribus aborigenes que vivem nos bosques e montes... Este nome *Colar* não era desconhecido dos antigos, pois, diz Plutarcho, que certa pessoa chamada *Ganges* era filho de *Indus* e de Dio-Pithusa, donzella calauriana, o qual, por desgosto, se lançou ao rio *Chliarius* que depois se denominou Ganges[1]. O mesmo Plutarcho, tratando da origem dos rios Hydaspes, Ganges e Indo na sua obra *De fluviorum et montium nominibus*, explica do seguinte modo a denominação antiga da India: «O Ganges é um rio da India, assim denominado pela seguinte razão: A nympha *Kalauria* deu a Indos um filho de extraordinaria belleza, chamado Ganges, o qual, em certa occasião embriagado, teve, por ignorancia, relações com a sua mãe. Mas quando, no dia seguinte, soube do caso, ficou tão magoado que se lançou ao rio *Chliaros*, que desde então se chamou Ganges.»

Posteriores estudos geographicos teem demonstrado, porém, que *Kalauria* ou *Kalaureia* é uma ilha onde existe o famoso templo de Poseidon, no qual Demosthenes, para fugir á perseguição dos macedonios, se tinha envenenado. Chamava-se tambem á ilha *Kalauros*, filho de Poseidon.

Depois d'isso, insistir em que a India era a Colar dos antigos é um absurdo egregio, de que difficilmente se podem absolver os escriptores.

III

Posto isto, estudemos a genése e o desenvolvimento do christianismo n'esta bella terra, que é a mãe de todas as civilisações, o fóco d'onde irradiou luz para os diversos povos, terra do sol onde a imaginação do poeta se traduziu em magnificas epopêas, o Mahabaratha e o Ramayana, e onde o sabio, o philosopho, o asceta teem sempre amplo escopo para o exercicio da sua vocação.

O christianismo teve o seu berço na Asia, mas não foram as hypocritas e excusadas exterioridades cultuaes nem as vibrações d'um sentimentalismo enervante e piegas que o crearam e embalaram. Os seus primitivos sacerdotes, os seus apostolos, os seus

---

[1] Vid. *Asiatic Journ. of Bengal*, vol. 20.º, pp. 227-8.

prophetas eram personagens em quem o materialismo das aspirações se diluia no seu empenho de recrutar soldados para a milicia de Christo e no desinteresse e desprendimento com que se esforçavam por dilatar a Fé.

Obedecendo a motivos levantados, rendendo homenagem de submissão e reconhecimento Áquelle que nos encaminha os passos nas agras lutas da vida, os povos da Asia foram os unicos que mostraram sempre ter na religião o mais seguro esteio da sua felicidade, a urna preciosa contendo a ambrosia para lhes suavisar as maguas.

Ahi a religião é tudo. Assim como o Corão precedeu o caliphato, a revelação de Zoroastro, na Bactriana, o desenvolvimento politico da Persia, do mesmo modo o christianismo existiu em Belem antes das instituições modernas [1].

Não tendo, pelo seu estado pouco adiantado, noções claras do christianismo, encontravam elles em cada objecto da natureza o seu genio proprio, representando a Divindade sob uma fórma particular, e é por isso que o espirito humano se sente ás vezes fatigado para peregrinar atravez dos cultos quando tente um estudo embora ligeiro sobre o assumpto.

A Asia, — bem diz Quinet, — começou, com o hymno da terra ao Céo, o primeiro acto da lithurgia de que é sacerdote a humanidade. N'este paiz, onde as fórmas vegetaes e animaes attingem proporções monstruosas, haverá logar para imperios grandiosos, que serão na historia civil o que baobab, o elephante são no mundo organico; e nas margens dos tres rios-reis virão descançar os imperios da India, da Assyria e do Egypto. Do seio d'esse mar sem praias, do cume d'esses montes inaccessiveis *ainda pela imaginação,* d'esse infinito invisivel que envolve de todos os lados a humanidade, como não nascerá a idéa do incommensuravel no tempo e no espaço ou antes a de Deus sem medida, sem proporção, sem limite? E' o mesmo que dizer que o Oriente será o berço das religiões. Só a natureza é ahi tão opulenta que o homem não tem de ir longe para buscar a Divindade; é no Pantheismo que elle se detem; é diante da Asia que elle ha de dobrar o joelho, porque é a Asia um idolo sobrecarregado de ornamentos no templo da creação. Tudo ahi resplende em volta dos deuses recem-nascidos; tudo os convida a encarnar n'uma natureza soberana; o Oriente será a terra das encarnações.

Sim, é terra de encarnações o Oriente, mas é sobretudo na India que os mythos religiosos attingem uma fórma extraordinaria, e é tambem na India que o christianismo está, quanto á sua genése, envolto em cerradas trevas, não tendo sido coroados de exito feliz os esforços dos que se teem afamado em dissipal-as. A lenda ainda embala no seu berço os innumeros christãos espalhados pelo Hindustão.

---

[1] Vid. Edgar Quinet — *Le génie des religions.*

IV

Quando os portugueses, impellidos por aquelle grande elemento da vida — o patriotismo — e pelo mais ardente empenho de propagar a Fé, ouvindo no marulhar das vagas o echo longinquo das terras mysteriosas do oiro e da pimenta, respirando na brisa humida dos mares os perfumes das lindas praias do Indo e do Ganges, — «quando elles aportaram a Calicut, encontraram lá christãos, como pela seguinte fórma o conta Alvaro Velho [1]: —

«Esta cidade de Calicut *é de christãos*, os quaes sam homens baços e andam delles com barbas grandes e os cabellos da cabeça compridos e outros trazem as cabeças raspadas e outros trosqueyadas e trazem em a moleira huns topetes por *signall que são christãos*.

. . . . . .

«Estas e outras muitas cousas pasaram ambos dentro naquella camara e porquanto era já muito noite, elrey lhe dise que — com quem queria elle pousar, se *com christãos*, se com mouros? E o capitam lhe respondeu que nem com christãos nem com mouros...»

«. . . . . .

«E disse então elrey... que lhe diseram que elle trasia *uma Santa Maria* de oiro. Dise o capitão... que mandase chamar um christam que soubesse fallar arravia dos mouros. Dise elreÿ que era muy bem e *loguo mandou chamar um mancebo...*»

«... e á quinta-feira seguinte, que foram XIX dias do dito mez, fomos com huma terra alta muito graciosa e de bons ares a qual tinha junto com a terra seis ilhas pequenas... e como fomos em terra *achámos hum homem mancebo* que nos foy amostrar por dentro de um ryo hua aguada de uma agua muito boa, a quall nacia antre dous penedos. A este homem deu o capitam-moor hum barrete, e preguntou-lhe se era mouro *se christão;* dise-lhe elle *que era christão e quando lhe nós disemos que tambem nós eramos christãos folgou muito...*»

Castanheda, que veiu á India em 1528 [2], descrevendo um templo de Calicut, chama-lhe *igreja,* do tamanho d'um mosteiro, toda fabricada de pedra de cantaria, coberta de telha e que mostrava ser por dentro mui formoso edificio, que o capitão folgou de vêr e «veiu-lhe ao pensamento que estava entre christãos», refere tambem que os homens d'esse templo «lançaram agua de um vaso com hysopo, por cima do capitão, do catual e dos outros, e feito isto apresentarão-lhe pau sandalo moido para pôrem sobre as ca-

---

[1] Vid. *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama.*
[2] Na «Hist. do descobr. da India.»

beças», e que «no interior da capella, que era algum tanto escura, estava uma imagem, mettida na parede, que os nossos virão de fóra... *(os quafes)* mostrando a imagem fallavão em Santa Maria, dando a entender que era sua filha.»

João de Barros sustenta a antiga existencia de christãos na India com o testemunho dos resbutos povos de Cambaia, inda que apparentemente gentios, *adorarem um só Deus em tres pessoas e venerarem a Virgem Maria.*

Diogo de Couto, o chronista mais incisivo e destemido da dominação portuguesa no Oriente, refere [1] que Avenir, rei de Canary, querendo preservar Josaphet, seu filho predilecto, do perigo de conhecer a doutrina de Jesus Christo, mandou construir para elle um magnifico pagode, onde o menino se criasse livre de communicação com gente extranha; mas que, apezar de taes cuidados, não sómente se fez christão aquelle mancebo, senão que tambem converteu o dito seu pae e varios principes e levantou templos christãos sobre as ruinas dos seus pagodes.

O padre Francisco de Sousa tambem abona a existencia de christãos na India antes da chegada dos portugueses, pois faz menção [2] da descoberta que, nos primeiros tempos da conquista, fez um fidalgo reinol, por nome Antonio de Sousa, de uma imagem de frade santo que se encontrára soterrada nas ruinas d'um pagode em Panã, onde o mesmo fidalgo mandára cavar alicerces para a construcção da sua casa.

Na opinião do padre Leonardo Paes [3], era desde tempos remotos habitada por christãos a serra de Nossa Senhora da Penha do Caranjá, no norte, visto os padres franciscanos terem encontrado ahi uma lamina de pedra de côr azul onde estava esculpida a imagem de Nossa Senhora da Penha, accrescendo a isto a circumstancia de haver ali existido um magestoso templo de christandade.

Ferdinand Dénis falla [4] dos Thomistas que Vasco da Gama encontrou á sua chegada á India e que eram christãos de Travancore, sectarios da doutrina chaldaico-nestoriana, que condemnavam as imagens e tinham grande horror á confissão auricular; refere tambem [5] em a nota á mesma pagina que no interior de Calicut, n'um logar chamado *Todamala* achou o santo arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes algumas povoações de christãos.

A propria resposta que ao emissario do Zamorim deram em Calicut os portuguezes: — *Vimos buscar christãos e pimenta* — presuppõe a existencia de christãos na India antes da chegada d'aquelle povo, existencia que ainda foi abonada por Vasco da

---

[1] Dec. 5.ª, l. 6.º, c. 2.º — Inst. Vasco da Gama, art. de J. Gonçalves sobre os primeiros christãos da India.

[2] *Oriente Conq.*, t. 1, c. 1.ª, d. 1.ª.

[3] *Prompt.*, trat. 2.º, cap. 1.º — Jeron. Osorio, liv. 6.º, p. 174.

[4] *Portugal*, p. 256.

[5] Cit. «Inst. Vasco da Gama», loc. cit.

Gama quando voltou á India em a sua segunda expedição, pois se diz que o inclito argonauta «assentou tratos de commercio e recebeu embaixada dos christãos de Mangalore e de muitos outros lugares, que espontaneamente quizeram render vassallagem a el-rei de Portugal e se puzeram debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos lugares 30:000 christãos; e, em 1503, Affonso de Albuquerque, de pouco chegado á India, entrou em Cantão, cidade ainda não conhecida dos portugueses, assentou paz e amisade com o rei... e fez alguns ajustes em beneficio e para a protecção dos *numerosos christãos que ali habitavam* [1].

Alguns dos vestigios que acima indicámos não fornecem, todavia, prova concludente em favor da antiga existencia da christandade na India.

O argumento da *trindade* não procede, pois os hindús tambem teem a sua trindade e é mesmo provavel que a que Barros menciona seja o theomorphismo hindú ou uma trindade fabulosa e não a verdadeira. «Todo este gentilismo — diz o padre F. de Sousa — reconhece certa trindade de naturezas realmente distinctas e separadas, procedida da primeira causa, a que chamam um só Deus, e admitte um milhão de encarnações; e n'estas fabulas devia crêr quem fazia doações aos pagodes.»

Quanto ao culto da Virgem Maria, não eram só os christãos que o professavam nos primitivos tempos. Em Bombaim, por exemplo, prevalece, de tempos immemoriaes, uma piedosa lenda de que Nossa Senhora do Monte, cuja ermida se ergue magestosa no outeiro de Bandorá, era uma das sete irmãs hindús, sendo por isso objecto do mais fervoroso culto dos pagãos, que accorrem ahi, todos os annos, em grandes peregrinações e lhe depõem aos sagrados pés as mais ricas offerendas.

E' conhecida entre elles essa Senhora pelo nome de *Monte Mauli* (Senhora do Monte) e conta-se que a sua imagem fôra uma vez encontrada no mar pelos pescadores.

O culto da Virgem foi de todos os povos, ainda anteriores aos romanos. Sob diversos nomes e invocações figura nas letras sagradas dos assyrios, babylonios, phenicios e egypcios, como bem o demonstram os eruditos estudos dos professores Rawlinson, Göttinger, Weber e outros, que se teem consagrado a exhumar o passado dos povos asiaticos.

Quer-se tambem inferir essa existencia da christandade do facto de se encontrarem na ilha de Angediva cruzes de côres negras e azues, soterradas no logar onde, em 1515, se abriram os alicerces para a fortaleza construida na mesma ilha [2]. Mas a cruz nunca foi symbolo exclusivo dos christãos. Entre muitos povos era ella um symbolo do Jardim do Eden com os seus quatro rios e

---

[1] Not. para a hist. e geogr. das Naç. ult. da Acad. R. das Sc., t. 2.º, n.º 5.º. *Os Port. na India*, do Card. Saraiva, p. 63.

[2] *Prompt.*, c. 4, t. 5, Jeron. Os., p. 119, l. 4.º, *Gab. Lit. das Font.*, t. 1, p. 13.

talvez do continente submergido de Atlantis. Na Assyria e Chaldéa, era a cruz um emblema da força creadora e da eternidade.

Ella existiu, pois, muito antes da nascença do christianismo, symbolisando entre os diversos povos ou o patibulo, como na India, ou, como entre os hindús, a demonstração infallivel do orto e occaso do sol e a sua chegada ao meridiano em cada dia, pontos que lhes serviam de reguladores, mesmo para o cumprimento pontual dos deveres religiosos do paganismo [1].

Fica, pois, demonstrado que n'esses factos, — a trindade, o culto da Virgem e a Cruz, — não póde filiar-se, com a necessaria certeza, a existencia da christandade na India antes dos portugueses, mas certo é que o testemunho universal dos escriptores a sustenta por uma fórma indiscutivel.

Vejamos, pois, quem eram esses christãos e qual a sua origem, — ponto este que até hoje não tem sido sufficientemente elucidado.

V

A orthodoxia christã attribue ao apostolo S. Thomé a implantação da nossa religião na India, emquanto a sciencia, que nas suas conquistas não observa contemplações com tradições ou crenças, trata essa asserção como uma lenda, como um mytho, similhante aos que atraz deixámos consignado.

Não é só Camões que diz:

> «Choram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
> Chorou-te toda a terra que pisaste;
> Mais te choram as almas, que vestindo
> Se iam da Santa Fé, que lhes ensinaste,»

mas ainda diversos outros escriptores medievaes e modernos se teem esforçado por attribuir a S. Thomé o apostolado do christianismo na India, parecendo curioso que o discipulo que foi o ultimo a crêr no Mestre fôsse o primeiro a propagar a religião d'elle entre ignotos e longinquos povos.

Os santos padres teem este facto por veridico, comprovado, segundo elles, pelos seguintes documentos:

No anno 190 A. D., Pauteno, que presidia á escola d'Alexandria e que viajou da Syria á India, diz ter encontrado á sua chegada homens conhecedores do evangelho de S. Matheus e na *Chronica Paschal* ha fragmento d'uma obra do bispo Dorothens (n.º 254 A. D.), na qual se referem os actos e as viagens dos apostolos. A respeito de S. Thomé tem o seguinte:

«O apostolo Thomé, depois de haver prégado o evangelho aos

---

[1] *Ind. Antiq.*, vol. IX, p. 196.

parthos, medos, persas, germanios (um povo rural da Persia, mencionado por Herodoto I, 125), bactrios e magos, soffreu martyrio em *Calamina,* cidade da India».

Theodoreto, historiador da egreja (430 A. D.), fallando da prégação dos apostolos, menciona a crença tradicional com relação a S. Thomé: «elles não sómente induziram os romanos e os que viviam sob o imperio d'elles, senão tambem os scythas, sarmatas, **indios**, ethiopes, persas... a receberem a lei do Salvador crucificado; prégaram, em summa, a todas as nações e a toda a sorte de povos.»

Verdade é que se não faz ahi expressa menção de S. Thomé, mas suppõe-se que seja elle mesmo a quem se attribue a missão da India e n'este sentido tambem argumenta o cardeal Baronio [1].

Nicephoro, do mesmo modo, affirma [2] ser S. Thomé o apostolo dos indios e Gaudencio declara, como Sophronio, que elle morreu na India, na cidade de *Calamina* [3].

No anno 547 A. D. temos o celebre monge d'Alexandria, Cosmas Indicopleustes, que, na sua viagem pela India, declara ter visto christãos de S. Thomé.

Quando se notou a S. Gregorio Nazianzeno (370 A. D.) o ser extrangeiro, respondeu elle: «Que! não eram extrangeiros os apostolos? Admittido mesmo que Judéa fôsse a patria de S. Pedro, o que tinha Paulo de commum com os gentios, Lucas com Achaia, André com Epyro, João com Epheso, *Thomé com a India,* Marcos com a Italia?» [4] S. Jeronymo [5] tem a seguinte allusão ao Apostolo:

«Elle (o filho de Deus) estava portanto a um tempo com os apostolos durante quarenta dias e com os anjos depois da sua resurreição, no seio de seu Pae, e nas extremidades dos mares, conversando em todos os lugares, com *Thomé na India,* com Pedro em Roma, etc.»

O *Martyrologio Romano* commemora S. Thomé no dia 21 de dezembro em seguintes termos:

«Tendo prégado o evangelho aos parthos, persas e hyrcanios, *partiu finalmente para a India*, onde, depois de instruir o povo na fé christã, foi morto ás lançadas por ordem regia, em *Calamina*, no dia do seu anniversario natalicio; os seus restos foram primeiro transportados á Edessa e depois levados a Ortonna.

E para o dia 3 de julho traz o mesmo *Martyrologio* outra commemoração:

«Em Edessa, na Mesopotamia, trasladação de S. Thomé, o

---

[1] «St. Thomas, the apostle of India» por Rev. Ch. Kennet, S. J. — «Annales», anno 44, n.º 33.
[2] *Hist.*, vol. 2.º, c. 4.
[3] *Serm.*, 17.
[4] *Or.* 25 *contra Arian.*
[5] *Epist.* LIX *ad Marcell*, 184.

apostolo da India, cujos restos foram depois transferidos para Ortonna.»

O testemunho d'alguns viajantes vem tambem em abono da asserção dos santos padres.

Marco Polo, que visitou a India em 1220, diz que o corpo de S. Thomé jaz na provincia de Maabar, n'uma pequena cidade pouco povoada, onde quasi nenhuns mercadores vão, porque nem é muito accessivel nem abunda em mercadorias, sendo, todavia, mui frequentada pelas peregrinações de christãos e sarracenos; e que estes ultimos teem o santo em grande veneração e pensam que elle era um dos seus e grande propheta, dando-lhe o titulo de *Avarian* ou *Santo* varão. Menciona tambem Marco Polo alguns edificios pertencentes á egreja e certos christãos que d'ella cuidam [1].

Ora Maabar não deve confundir-se com Malabar, como alguns o teem feito, pois aquella palavra é arabica e indica Coromandel e Travancore do sul, significando *trajectus*, isto é, passagem ou paizes proximos da passagem entre Coromandel e Ceylão.

Quasi na mesma epoca esteve na India João de Monte Corvino que falla da egreja de S. Thomé em Mailapur, onde elle sepultou o companheiro de sua viagem, Fr. Nicolau de Pistoia [2].

Johannes de Marignolia, da companhia de *Fratres minores*, enviado como delegado do Papa e que ficou em Coulão (a moderna Quilon) por espaço de 14 mezes no anno 1349, diz ter visitado a egreja de S. Thomé em Meliapur. Tudo quanto ahi viu e ouviu refere-o na sua obra «Chronicon Bohemiae» e, depois de dar noticia da lenda de S. Thomé, narra do seguinte modo a tradição (p. 110): «Thomas de Jerusalem de Juda Parthos, Medos et Indos convertit, in *Mirapoli* Indiae superioris occiditur, ibi adhuc sanguis ejus cernitur.»

Emquanto se lê isso, Rufino, que foi á Syria no anno 371 e residiu ahi 25 annos, declara que os restos de S. Thomé fôram levados a Edessa e ahi depositados, facto que se deu no anno 394. E' como cahem todas essas pias lendas, entre si contradictorias!

Conti, um missionario italiano que esteve na India no seculo immediato, fala da egreja em que S. Thomé foi sepultado, como um templo grande e bello e diz existirem 1:000 nestorianos na cidade.

Ficam, pois, assim a orthodoxia e a tradição de accordo em que o apostolo esteve na India, — facto que se presta a contestações, como adiante veremos.

---

[1] Coronel Yule — *Marco Polo*, vol. 2.º; D. Thomaz de Castro — *Os livros indianos e o martyrio de S. Thomé.*

[2] Vid. a cit. obra sobre Marco Polo, vol. 3.º, p. 293.

VI

Mas, antes de mais, não será desproposito dar aqui a noticia succinta dos monumentos a que em Meliapur a tradição e a crença teem concedido os fóros de marcos a assignalarem a prégação e o martyrio de S. Thomé.

A tres milhas de Meliapur [1], no logar do Monte Pequeno ou *Little Mount,* — escreve o citado P.e Leitão e Castro [2] — existe uma egreja dedicada a N.a Senhora e que os portugueses, movidos pela tradição indiana, construiram sobre a gruta, onde, conforme ella, viveu algum tempo S. Thomé e foi ferido com uma lança pela abertura que ainda hoje se vê na rocha e d'onde fugiu para o sitio do Monte Grande, em que os brahmanes acabaram de o matar.

Além da gruta ha tambem no Monte Pequeno duas fontes que, segundo a mesma tradição, o apostolo fizera nascer, um logar designado por uma cruz n'um dos cabeços do monte em que elle costumava orar, e tres grandes pedras, n'uma das quaes se vê a impressão d'um pé e nas outras, das mãos, que ainda a tradição apresenta como sendo do apostolo cahido quando o perseguiam. Estas pedras acham-se na encosta do monte e as duas ultimas se conservam em nichos abertos. Duas milhas distante d'este santuario fica o Monte Grande, cognominado pela tradição *monte de S. Thomé*, como lugar onde morrera o apostolo e que os fieis durante muitos seculos piedosamente visitaram.

N um sitio tão celebre como venerado pelos povos indianos edificaram tambem os portugueses em 1521 uma egreja dedicada á

---

[1] Diz o dr. A. C. Burnell, no *Ind. Antiq.*, vol. 3.º, p. 313, que os viajantes europeus da Edade Media (Conti e Varthema) chamam-n'a Malepur ou Meliapore. Isso indica a *Malaipuram* do tamil, que significa «cidade do monte». Os geographos mahometanos (Abder-Razak e Abu'lfida) fallam d'uma *Malifatam*, que é evidentemente o mesmo lugar, *pattana* e *pura* tendo a mesma significação.

O coronel H. Yule, que já por vezes temos citado no decurso d'este trabalho, não concorda com a opinião d'aquelle erudito orientalista e menciona *(Ind. Antiq.*, vol. 4.º p. 8) as seguintes versões da palavra:

«A actual fórma *Mayilâppur* é — diz elle — accommodada á etymologia, por muito tempo popular, da *cidade de pavão*... O primeiro viajante que mencionou o lugar é o supradito J. Marignolia que o denomina Mirapolis, mas que provavelmente teve conhecimento da origem de pavão, pois menciona especialmente os pavões em connexão com a lenda da morte do Apostolo. O mappa catalao, executado cêrca de 1375, dá Mirapor. Nicolo Conti, Malpuria, Malpulia e Malepor. Barbosa, pouco depois de 1500, tem Maylapur, Mailapur e Malepur, emquanto com João de Barros e Diogo do Couto a cidade toma o nome de Meliapor.

Na opinião do coronel, o Malifattan dos mahometanos e das *Lettres Édifiantes* (Recueil xv) representa alguma cidade mais ao sul de Madrasta, provavelmente a moderna Nagapatam.

[2] Opusc. cit.

Expectação de N.ª Senhora, que foi reconstruida depois em 1547 e que em 1685 o dr. Constantino Sardinha Rangel, capitular da Sé de Goa e governador do bispado de S. Thomé, restaurou com esmolas dos fieis.

Venera se ali no altar-mór a imagem de N.ª Senhora n'um quadro que se encontrára em Meliapor, na sepultura de S. Thomé e que encobre uma pedra de granito escuro embutida na parede opposta, que tem sido objecto de longas e até hoje infinitas conjecturas e discussões. Esta pedra fôra descoberta no entulho de umas ruinas, ao abrir-se em 1547 o alicerce para ampliar a egreja; e como a tradição ensinasse que o nosso apostolo morrera no Monte Grande sobre uma pedra, era natural — argumenta o P.e Leitão e Castro — que a unica apparecida no proprio lugar do seu martyrio e que tinha uma cruz em relevo e uma inscripção em caracteres desconhecidos, fôsse considerada antiquissima e a mesma em que cahira S. Thomé.

Lê se na *Asia Portugueza* e na *Vida de D. João de Castro*, por Jacintho Freire de Andrade, que essa cruz tinha 4 palmos de altura e 3 de largura, que quando foi descoberta (no governo de D. João de Castro) estava borrifada de sangue, que parecia ainda fresco. Tinha ella a fórma das cruzes que usam os cavalleiros de S. Bento: uma pomba suspensa como que a debicar o alto da cruz e em torno havia caracteres antigos, cuja significação ignoravam os naturaes da terra, mas que foi depois decifrada por um brahmane de Narsinga, ajudado por um outro hindú versado em linguas orientaes.

A decifração, segundo elles, era: «Depois que appareceu a lei dos christãos no mundo, d'ahi a trinta annos, a vinte e um de dezembro, morreu o apostolo S. Thomé em Meliampor, onde houve conhecimento de Deus e mudança da lei e destruição do demonio. Este Deus ensinou a doze apostolos e um d'elles veiu a Meliampor, com o bordão na mão, onde fez um templo e el-rei de Malabar, Coromandel, Pandi e outros de diversas nações e seitas se sujeitaram voluntariamente á lei de S. Thomé. Veiu tempo em que o santo foi morto pelas mãos d'um brahmane e com seu sangue fez esta cruz [1].»

Ora dado que se encontrou essa cruz, ha toda a razão para se dizer que o brahmane que se metteu a decifrar a inscripção foi um impostor de marca maior. Não percebendo o sentido da legenda, que os modernos orientalistas dizem ter sido em pahlavi, quiz especular á custa da piedade dos povos que o cercavam, e como sabia que n'esse tempo corria intensa entre os christãos a lenda do martyrio do Apostolo, deu uma tradução por fórma a confirmar tal lenda, com o que, de resto, só teve o intuito de entrar na graça dos novos dominantes, ao tempo fanaticos e supersticiosos.

---

[1] *Vid. de D. João de Castro*, liv 1.º, § 57.

Essa inscripção é mais um testemunho de que fôram os christãos persas os que primeiro se estabeleceram na India. Sendo concebida em pahlavi, que é a lingua da Persia antiga, ella claramente indica origem persa.

Cruzes d'essas, com inscripções na referida lingua, se teem descoberto muitas na India do sul, como bem o demonstra na sua *Viaggio all' Indie Orientali* o P.e Vincenzio Maria di S. Caterina da Siena, carmelita italiano e nuncio papal em Travancore no seculo 17.º

«La seconda (memoria) sono le molte Croci, formate dal medesimo, che in diuersi luoghi si truano, tutte vunformi, benche diuerse nella grandezza, repartite nelle pareti delle Chiese, donesono venerate dal continuo bacio de Fedeli. Queste sono tagliate nelle lamine di marmo, per il più bianco qualità di pietra, che hora più non se troua. La forma è di quatro lati quasi vguali, con certi ornamenti nell' estremità, simili à quelli delle Croci de Caualieri di S. Mauritio di Sauoia. Quella di Cranganor e riposta in una Cappella aperta, ed è grandemente riuerita. Più volte è stata vista sollenata in aria per Diuina virtù, cinta di raggi splendidissimi, con ammiratione non solo de' Christiani, mà ancora de' Gentili, de' qualli, si mossero alcuni per tal prodigio à confessare la verità della fede, e sino al giorno d'hoggi molti la venerano, visitano adornano, offerendoli ricchi donatini. Quella di Meliapur è la più celebre e miraculosa, auanti la quale orana il Santo quando fù ferito dalli Brahmani; onde resto conspersa in più luoghi del suo sangue pretioso. La lamina, nella quale stà scolpita, non è più alta di quattro piedi, trè larga, di color pardo chiaro, alla quale foi fù aggionto un'ornamento di basso rilieuo, che la circonda, sù la forma d'un niccio, e certi altri arabeschi antichi mal fatti, con un giro di lettre antichissime, le quali essendo incognitè, furono poi riconosciute in diuersi tempi, da certi Brahmani del Canará, li più sanij, e dotti dell'Indie, che concordamente, doppo hauer dato il giuramento di non alterare a verità dissero qualmentre erano misturate di cinque specie die caratteri, d'equali l'vno non s'vnina con l'altro, mà ciascuno à guisa delle lettere Chinesi, ò delle gieroglifiche de gl'Egittij, bastaua per esprimere vn significato. Essendo dunque le lettere trentasei in numero, con trè punti, li quali non sono senza misterio, contengono la seguente interpretatione. Nel tempo, che reguava il figlio del Rè Sagad, il quale gouernò questi stati trent'anni, il solo, e vero Iddio discese in terra prese carne nel ventre d'vna Vergine e diede fine alla legge delli Giudei. Dalle loro mani, per sua libera volontà, sostenne la pena donuta alli peccati degl'huomini, doppo hauer vissuto nel mondo trenitatrè anni, ne'quali insegnò à dodici suoi serui la verità, che predicaua. Vno di questi venne a Maiàle con vn bastone nella mano, e leuò vna gran trane detta Bagad, portata dal mare nel lido: con la medesima fece vna Chièsa, con che tutto il popolo si rallegrò. Vn Rè di trè Corone, Cheralacone, Indalacone, Cuspardiad & il Principe d'Ertinabarad, con Caterina sua figlia, e molt' altre Vergini, e sei sorte di caste, prefero spontaneamente la legge di Tomé, per esser quella della

verità esso gli diede il segno della Santa Croce, perche l'adorassero. Ascendendo poi il medesimo il luogo d'Antinodor, vn Brahmane gli diede con vna lancia, ed essa si abbracciò con questa Croce, la quale restò macchiata dal suo sangue. Si suoi discepoli le leuarono per Maiale, done fù sepolto nella Chiesa, che hauena fabricata, e perche noi Regi sopranominati, vedemno tutto questo, habbiamo fatto formare li presenti Carateri à perpetua memoria.»

A Cruz de Meliapur excitou sempre a maior curiosidade entre os viajantes que visitaram a India, como bem se vê d'esse extracto; e o milagre e a lenda que lhe andam ligados e que foram confirmados pelo espirito especulador do tal brahmane, continuaram por muito tempo a ser piamente acreditados por elles, a ponto de, em fins do 16.º seculo, serem tambem universalmente conhecidos na Europa, como refere o cardeal Baronio nos seus *Annaes Ecclesiasticos.*

A Cruz, de que se trata, é em tudo igual ás outras, persas, que se teem descoberto, e esta circumstancia reunida á dos orientalistas drs. Hang, E. W. Weste Burnell attribuirem as supraditas inscripções ao 7.º ou 8.º seculo, destróe completamente o facto em que o brahmane de Narsinga firmou a sua tradução.

VII

Examinemos agora os outros documentos, em que se procura basear a crença do martyrio de S. Thomé na India.

O mais antigo livro em que se menciona tal martyrio é o de *Acta Thomae*, em texto syriaco, a que o dr. Wright assigna um periodo não posterior ao 4.º seculo e que o dr. Hang relaciona com Bardesanes, o qual viveu pelos fins do 2.º seculo [1].

Consideram-se apocryphas essas *actas*, visto terem sido escriptas mais d'um seculo depois dos acontecimentos que n'ellas se referem, mas mesmo que ellas merecessem fé á credulidade popular nos primitivos tempos, não adiantam muito com respeito á prégação e martyrio de S. Thomé na India.

Vejamos.

No decurso d'aquellas Actas, o Apostolo é chamado *Judas Thomé,* nome sob o qual figura tambem nos documentos que Eusebio encontrou nos archivos de Edessa. E' uma obra evidentemente gnostica, attribuida, como já dissemos, a Bardesanes [2].

Seja, porém, quem fôr o seu autor, o que parece certo é que algum membro da egreja edessana compilou os seus materiaes.

Ora a substancia d'aquellas *Actas,* é a seguinte:

---

[1] *Ind. Antiq*, vol. 4.º, p. 182.

[2] Phocio, patr. de Constantinopla, (853 A. D.), attribue-a a Lencio Charino, que o dr. G Salmon no *Dic. chr. e biogr.* de Smith considera personagem ficticio.

Os apostolos estavam todos em Jerusalem e dividiram entre si as regiões do mundo. A Judas Thomé, tambem chamado Didymo, coube em sorte a India, para onde elle não quiz partir, allegando a fraqueza do seu organismo. «Como posso — diz elle, — sendo hebreu, ir prégar a verdade entre os indios?» E emquanto estava assim argumentando e fallando, apparece lhe o Salvador nas trevas da noite e lhe diz: «Não temas, Thomé, vae á India e proclama a palavra, porque a minha graça estará comtigo.» Mas elle não attendeu, dizendo: «Manda-me a qualquer outra parte que quizeres, mas á India não vou.» E emquanto assim fallava e estava irritado, succedeu estar alli um certo negociante da India, de nome Abbanes, que fôra enviado pelo rei *Gondophares* para buscar um carpinteiro. E o Senhor, vendo-o andar no mercado, perguntou-lhe: «Queres carpinteiro?» — Sim, respondeu Abbanes. Então o Senhor lhe disse: Tenho um escravo carpinteiro e desejo vendel-o. Dizendo isso, apontou-lhe Thomé á distancia, accordando o preço de 3 libras de prata sem ser cunhada. No dia seguinte veiu Thomé ao Senhor e lhe disse: Seja feita a tua vontade. Então Abbanes e elle embarcaram. Tiveram bom vento e navegaram com rapidez até que chegaram a Andropolis, uma cidade real. Ahi, ao tempo da sua chegada, celebraram-se as bodas da filha do rei, e Thomé acompanhado de Abbanes foi áquella festa; e quando elle viu todos reclinados, tambem se reclinou no meio d'elles. Mas elle não quiz comer nem beber, e uma joven flautista judia tocou diante d'elle por largo tempo e elle cantou uma canção hebraica em louvor da noiva, a qual ninguem, senão essa flautista, percebia. N'este comenos, um malvado copeiro bateu no extrangeiro e Thomé serenamente lhe disse que Deus lhe havia de perdoar no outro mundo, mas que seria arrastada por um cão a mão que se tinha levantado contra o seu Apostolo. E assim succedeu, pois o copeiro, tendo ido á fonte buscar agua, encontrou lá um leão que o dilacerou e os cães tomaram immediatamente os seus membros e entre elles um cão preto, pegando na bocca a sua mão direita, trouxe-a ao sitio do banquete. E quando se conheceu ser do copeiro a mão que tinha ferido o Apostolo, a flautista partiu a sua flauta e atirando os pedaços para fóra, sentou-se ao pé do Apostolo, dizendo: Este homem ou é Deus ou Apostolo de Deus. E o rei, ouvindo isso, veiu e lhe disse: levanta-te e vae commigo e óra por minha filha, que é a unica e que hoje sáe de casa. E tendo orado e lançado n'elles as suas mãos, disse o Apostolo: O Senhor esteja comvosco E depois deixou-os no palacio e foi-se. Mas, quando o noivo levantou a cortina que o separava da noiva, pareceu-lhe vêr Thomé conversando com ella. Surprehendido perguntou-lhe então: Como pudeste estar aqui, não te vi sahir diante de todos? E o Senhor respondeu-lhe: Não sou Judas Thomé, mas seu irmão. E o Senhor sentou-se em baixo e lhes ordenou tambem que se sentassem em baixo e os intimou a que se lembrassem do que seu irmão lhes havia dito. Ensinou-lhes todos os cuidados, privações e tentações, que resultam da procreação de filhos e lhes prometteu que, se mantivessem a castidade, partici-

pariam do verdadeiro casamento e entrariam no quarto nupcial, cheios de luz e immortalidade.

O joven par obedeceu á sua exhortação muito a pezar do rei, que ordenou a prisão de Thomé, mas este e Abbanes estavam já de caminho e escaparam ás suas mãos.

E quando chegaram ás cidades da India, Abbanes levou-o á presença do rei. E Gondophares perguntou: Pódes construir-me um palacio? Sim, — respondeu Thomé; — começarei em outubro e findarei em abril. E o Apostolo, tendo tomado uma vara, mediu o logar e poz os marcos, collocando as portas para o nascente afim de olharem para a luz e as janellas para o poente para receberem ar; fez o forno ao sul e o tanque d'agua ao norte por causa da abundancia. E o rei, vendo isto, disse ao Apostolo: és realmente um artista e convem que sirvas a reis.

Recebeu o Apostolo grandes adiantamentos de oiro e prata para pagar aos operarios, mas elle dava-os aos pobres. Quando chegou o tempo, perguntou-lhe o rei se estava já concluido o palacio, ao que o Apostolo respondeu affirmativamente. E quando o poderemos vêr? Agora não o pódes vêr, mas só quando partires d'esta vida. O rei então irritou-se, lançou a Thomé n'uma prisão e estava a cogitar os meios de o matar; seu irmão Gad ficou tambem tão impressionado com o insulto feito ao rei, que repentinamente morreu. E no outro mundo elle viu um palacio tão lindo que pediu aos anjos para o deixarem viver nos seus mais infimos repartimentos, mas elles lhe responderam que não podia ser, visto pertencer a seu irmão o palacio erigido por um christão. Gad, por isso, pediu e lhe foi concedida licença dos anjos para vir ao mundo a fim de comprar a seu irmão aquelle palacio. O rei Gondophares e Gad tornaram-se então sequazes do Apostolo e lhe pediram o sello do baptismo, ouvindo ao mesmo tempo a voz do Senhor: «Paz comvosco, irmãos.»

Depois de largar a côrte de Gondophares, S. Thomé foi á de Misdens, onde converteu Mygdonia, esposa do primeiro ministro, a qual, em obediencia ás instrucções do Apostolo, recusou cohabitar com Charisius, seu marido. Este queixou-se então ao rei, mas viu-se que a propria rainha, irmã de Mygdonia, assim como seu filho Jusanes, tinham abraçado a mesma doutrina do Apostolo, que recommendava nada mais nem menos que o mais rigoroso celibato.

Então, de ordem de Misdeus, rei da India, o bemaventurado Apostolo Thomé foi lançado n'uma prisão e elle disse: Eu glorifico a Deus e hei de prégar a palavra aos presos, de sorte que todos rejubilem com a sua presença... E Thomé foi e encontrou os carcereiros lutando e dizendo: Que mal temos feito áquelle feiticeiro para elle, aproveitando-se da sua arte magica, abrir a porta da cadeia e querer libertar os presos? E quando elle veiu, despiram-n'o e cingiram-n'o com uma cinta e o deixaram n'este estado diante do rei. E como, perguntou Misdeus, fugiste e vieste a esta terra? E Thomé disse: Vim aqui para salvar a muitos e para morrer nas vossas mãos. E o rei tornou-se impaciente,

levantou-se e levou Thomé fóra da cidade, acompanhado d'alguns soldados com armas. E depois de percorrerem 3 *stadia* entregou-o a 4 soldados e um polemarcho, ordenando-lhes que o levassem a um monte e o matassem com lança; e elle voltou á cidade.»

Ora, por mais que se estique o elasterio do nosso criterio, por mais detido exame que façamos do acima exposto, não se nos depara ahí cousa alguma a provar que se fala da India do sul ou que o seu auctor teve o mais elementar conhecimento da peninsula hindústanica. O unico élo que liga aquelle documento com a historia é o nome do rei Gondophares, cuja côrte se diz ter S. Thomé visitado.

O que, pois, é agora necessario saber é se existiu um rei d'aquelle nome e, no caso affirmativo, onde e quando reinou.

VIII

A existencia do rei Gondophares é comprovada pelas numerosas descobertas que se teem feito em Punjab e Kabul, onde se encontraram moedas com legendas gregas de tres seculos successivos. Um grande numero d'essas moedas pertence á serie dos principes gregos que reinaram nas provincias indianas de Alexandre Magno. As restantes pertencem aos conquistadores scythas e aos seus contemporaneos indo-parthos, entre os quaes se conta Gondophares que viveu no primeiro seculo [1]. O seu nome, como os de tantos outros soberanos dos tempos prehistoricos, tem soffrido muitas variações. N'algumas moedas se lê no obverso grego *Yondophares,* que o dr. Aurol Stein parece identificar com a palavra persa *Vindiferna,* que significa *ganhando gloria.* No reverso aryano-pali se encontra Gudaphara ou Gadaphara. O eminente professor e orientalista Gutschmid identificou Gondophares com Gaspar, um dos tres magos que foram a Belém [2]. As outras variantes são: Gandophares, Gundopharus, Gundophorus, Yudopheres, Gudaphara, Godaphara e Kandappa.

Seja, porém, o que fôr, fica bem assente, por meio d'essas descobertas numismaticas, a existencia de Gondophares.

Vejamos agora quando e onde elle reinou.

---

[1] Vid. o erudito artigo sobre o assumpto de G. M. Rae no *Madras Journ. of Lit. & Sc.*, de 1888-1889.

[2] O cit. Rae publicou um opusc. sobre Prestes João, em que dá os nomes dos tres reis representando as terras d'onde vieram. Melchior, rei da Nubia, tornou-se Malkiy'or, rei do Nilo; Balthasar, rei de Saba, Belsazzar, rei dos chaldeus: e Kaspar, rei de Tarsis na Asia Central, Kasbar, rei de Casia regio. — Vid. «the coins of the Greeks & Scythic kings of Bactria & India in the British Museum» por Dr. Percy Gardner; «Zoroastrian Deities on Indo-Scythian Coins» por Dr. Aurel Stein, p. 13; «Notes on the Historical results deducible from recent Discoveries in Afghanistan», por T. Prinsep; «Ariana Antiqua», de H. H. Wilson, p. 256, 340 e 342.

A estes importantes pontos responde, com muita erudição, o general Cunningham [1].

«As moedas de Gondophares são vulgares em Kabul, Kandahar e Sistau, bem assim no Punjab occidental e austral. Todas estas terras, pois, devem ter sido por elle governadas. Era, além d'isso, chefe e fundador da sua familia, visto como nada menos de 3 membros d'ella allegam parentesco com elle nas moedas, a saber: *Orthagues*, seu irmão germano, *Abdagases*, seu sobrinho, e Sasa (ou Sasau) parente muito distante. As moedas de Orthagues encontram-se em *Sistau* e *Kandahar*, as de Abdagases e Sasau no Punjab occidental. Supponho, por isso, que eram elles os vice-reis d'aquellas provincias, da parte do rei Gondophares, que residia em Kabul. Todos os nomes são de origem partha, mas a lingua das inscripções nas moedas é o pali. Abdagases é o nome do chefe partha, que capitaneou, com exito, a revolta contra Artabanus no anno 44 A. D. — O grande poder de Gondophares e a descoberta d'uma moeda de Artabanus, em que existe o monogramma de toda a dynastia Gondophariana, fazem conjecturar que o Abdagases indo-partha seja o mesmo como o chefe partha, cuja revolta é descripta por Tacito (*Annales* xv, 2) e Josephus (*Antiqua* xx, 3.º, 2). Esta conjectura é corroborada pela data da revolta (44 A. D.), o que faz Gondophares contemporaneo de S. Thomé.»

Sobre o reinado d'aquelle celebre rei, lança tambem muita luz uma inscripção que se decifrou n'uma pedra em Taht-i-Bahi, cuja historia é devéras interessante.

Tath-i-Bahi, situada a 28 milhas ao nordeste de Peshawar, é um outeiro isolado, de altura de 1.771 pés acima do nivel do mar ou cerca de 570 pés acima da planicie. Existia sobre elle uma cidade, cujas ruinas teem servido de campo de triumphos para muitos exploradores archeologos. Foi o dr. Bellew quem descobriu a referida pedra, que é de 17 ½ poll. de comprimento e 14 ½ de larg., apresentando-a depois ao Museu de Lahore; mas quem lhe decifrou a legenda foi o grande orientalista dr. Leituer.

A inscripção compõe-se de 6 linhas de escripta e da ultima parte d'ella se póde inferir que se commemora ahi a erecção d'uma *stupa* ou um *vihar* por algum pio budhista. As primeiras duas linhas, que conteem o nome do rei e a data fôram traduzidas pelo professor Dawson pela seguinte maneira [2]:

«No 26.º anno do grande rei Gondophares (e) no 3.º dia do mez Vaisakha, (anno) cem do Samvatsara.» E como o Samwatsara ou a éra de Vikramadytia corresponde a 56 A. C., a data na pedra, conforme a tradução, seria 44 A. D.

Conclue-se, pois, d'aquella inscripção e das moedas, de que

---

[1] «Coins of Ind. Budhist Satraps with Greek inscrip.» no «Journ. of the A. S. of Bengal,» vol. XXIII, pag. 711-712.

[2] *Journ. Roy. As. Soc.* (nova série) vol. VII, art. XVIII (Trubner & C.ª, 1875) p. 376 ss.

atraz tratamos, que no primeiro seculo da éra christã reinou na India um rei indo-partho, de nome Gondophares, mas que a sua India coincide com o Punjab e Afghanistan e não inclue a India peninsular.

Ha, porém, quem argumente que S. Thomé, embora tivesse ido á côrte de Gondophares no Punjab e Afghanistan, não se demorou lá todo o tempo, mais foi a Malabar, notando-se que no primeiro seculo da éra christã era já conhecida a geographia da India peninsular ao mundo commercial e politico, não se podendo duvidar que o Apostolo a conhecesse por igual. Suppõem tambem os crentes da lenda que Misdeus, em cuja côrte esteve o Apostolo, póde ter sido rei de Meliapur.

Seductora illusão essa com que a piedade christã se tem deixado dominar atravez de tantos seculos!

Não ha duvida que a geographia da India podia ter sido conhecida n'essa epoca e ainda Strabão, que foi coevo de Christo, affirma que no seu tempo era já conhecida a circumnavegação do Cabo Comorim do oeste a leste e que havia largo trafego entre os portos do mar Vermelho e a costa occidental da India peninsular.

Mas, o que se não póde affirmar é que os auctores das *Actas* dos Apostolos pudessem orgulhar-se de taes conhecimentos, pois um d'elles [1] dá a seguinte descripção da India: «Declaram os historiadores que a India é dividida em 3 partes; a 1.ª se diz terminar na Ethiopia; a 2.ª em Media e a 3.ª completa o paiz, da qual uma parte termina na escuridão e a outra no oceano.»

Demais. Póde ser que Misdeus tivesse sido rei de Meliapur, mas não ha documento historico para o provar, tanto mais que se Gondophares reinou no Punjab e Afghanistan, cáe de base a conjectura de que Misdeus, que era seu vice-rei, houvesse governado a India peninsular.

Como, pois, a musa da historia faz resurreições de acontecimentos fossilisados, póde succeder tambem que, um dia, ella esclareça o mysterio em que se encobre a esphera da juridicção d'esse Misdeus, sendo, porém, provavel, que o faça para o lado da Persia, para a terra onde havia templos do sol e reis que mediam as distancias por *stadia* e chamavam os seus officiaes *polemarchos*.

Emquanto isso não succeda, faltará á lenda de S. Thomé terreno para se radicar no espirito dos que não acceitam taes factos sem lhes conhecerem a genése e verificar a estructura historica.

---

[1] O auctor do martyrio de S. Bartholomeu, — vid. Ante-Nicene Christian Liby, vol. XVI, p. 429.

IX

Ha ainda mais razões para se duvidar de que fôsse a nossa India o logar da propagação e martyrio do Apostolo.

Lê-se no *Martyrologio Romano* e em varios livros orthodoxos que o logar d'esse martyrio foi na India e na cidade de *Calamina.*

Ora, emquanto os historiadores antigos ostentam largos conhecimentos das terras em que se dão os successos que elles descrevem, nota-se a mais completa ausencia de esclarecimentos sobre a tal cidade, — ausencia que os orientalistas modernos teem supprido por meio de seus eruditos estudos sobre assumptos congéneres.

Não teem encontrado elles na India logar algum d'aquelle nome a não ser algumas ilhas na Asia Menor, perto da Lydia, das que Plinio menciona e Bouillet indica *Calamina* como uma ilha do archipelago grego ao NO de Cosentre 24 gráos e 22 minutos de longitude E e 36 gráos e 56 minutos de lattitude N.

A palavra *Calamina,* oriunda do grego *calaminos* [1], só poderia applicar-se a algum logar onde crescessem canas, taes como Malaca ou a costa de Sumatra.

Na *India Orientalis Christiana,* o seu auctor, P.e Paulino de S. Bartholomeu, querendo mostrar alguma affinidade entre Calamina e Meliapur, conjectura que aquella palavra seja uma corrupção que os hellenistas se mostram pouco inclinados a admittir.

O abbade Dubois imaginou tambem que Calamina podia derivar de *calmyne* (peixe), indicando, por isso, o nome d'alguma aldeia de pescadores. Ora o peixe calamine, que Cuvier classifica no genero *Chaeton* encontra-se em todo o mar da India, e desde Calcutá até ao Cabo Comorim, não podendo, por isso, designar melhor um logar do que o outro.

Fica, pois, estabelecido que não ha na India logar algum de nome Calamina, parecendo, por isso, provavel que o martyrio do Apostolo foi n'alguma das ilhas d'aquelle nome, situadas na Asia Menor.

A idéa da visita do Apostolo á India do sul parece haver germinado só na Edade Media, em que alguns viajantes encontraram ahi christãos e, como estivessem embaraçados quanto á sua origem, chamaram-lhes *christãos de S. Thomé.*

Uma lenda indo-syriaca refere que S. Thomé fundou sete egrejas em Malankare (isto é, Malabar ou India do sudoeste), quando a sciencia demonstrou que essas sete egrejas não são senão as de que falla o Apocalypse.

Outra lenda, da mesma procedencia, diz ter prégado no Mala-

---

[1] *Madras Cath. Dir.*, 1867.

bar um Kanan Tomma (ou Thomé), estrangeiro; depois d'elle allude, como tendo cumprido a mesma missão, a um Mar Saphor e a um Mar Aphrottu, vindos da Babylonia, sendo ambos esses nomes de origem persa.

Provando-se, pois, á saciedade, que na India não esteve nunca S. Thomé, o Apostolo, a quem a pia tradição consagrou como sendo aqui o fundador do christianismo, resta vêr quem foi que o implantou.

X

O erudito orientalista dr. Burnell [1] veiu, com as mais luzidas armas da sua opulenta panoplia, demolir essa pia lenda e attribuir a outrem a gloria de propagar entre nós a religião de Christo.

A mais antiga missão christã na India foi a dos persas, que eram manicheus. Não se póde assegurar, mas não é improvavel que o proprio Mani houvesse prégado na India; uma das suas obras, porém, era a *epistola maior aos indios* e parece tambem provavel que um de seus discipulos tivesse vindo á India [2], visto como, depois da sua execução no anno 272 A. D., eram cruelmente perseguidos na sua terra natal os seus innumeros e poderosos sectarios, parecendo provavel que, por este motivo, alguns tivessem emigrado para a India e Ceylão.

Em abono d'essa asserção do dr. Burnell, encontram-se provas e documentos de altissimo valor.

Diz Cosmas Indicopleustes, um monge bysantino do VI seculo, a quem já antes nos referimos, o seguinte: «Na ilha Taprobana (Ceylão) ha uma egreja de christãos... Do mesmo modo em Male, onde cresce a pimenta, e na cidade chamada Kalliena ha um bispo *sagrado na Persia.*»

Male está já identificado com Malabar e Travancore, mas quanto a Kalliena, é difficil identifical-a e suppõe-se que seja alguma cidade proxima de Mangalore.

Pelo meiado do VI seculo, era já conhecida na Persia o *Panchatantra* indiano, do qual veiu a obter copia um erudito persa, chamado Barzuweh ou Burzweh. Suppõe-se que fosse elle christão, embora o professor Benfey o duvide [3], mas o proprio facto d'um persa vir á India buscar copia d'aquelle celebre livro demonstra a existencia de consideraveis relações entre os dois paizes.

Pelo anno 916 da nossa era, o geographo arabe Abu Zaid (que completou as narrativas d'um viajante e negociante chamado Sulaiman, que esteve na India do sul pelo anno 850 A. D.) fallando de Sarandib (Ceylão) diz: «ha uma numerosa colonia de judeus

---

[1] *Ind. Antiq.*, vol. 3.º, p. 309 e seg.

[2] Vid. *Mani* de Flügel, p. 73, 103, 174 e 370. Tambem o affirmam os historiadores mahometanos Abdul-faray e Al-Nadim.

[3] Cf. o seu *Pantschatantra*, vol. I, p. 76.

em Sarandib e gente de outras religiões, especialmente manicheus.» Ora como as relações entre Ceylão e a India do sueste e sudoeste foram sempre estreitas, presume-se que a esse tempo alguns christãos tivessem vindo d'ahi estabelecer-se em Meliapur.

É, pois, muito provavel, em vista de tudo quanto acima referimos, que as mais antigas colonias christãs na India foram persas ou talvez manicheas ou gnosticas.

Os christãos syriacos achamol-os mencionados apenas pelos viajantes da Edade Media como habitantes do sul da India [1].

Mas como se transformaram em christãos do rito syriaco os que pertenciam á velha egreja persa?

Segundo as mais authenticas noticias historicas, as causas que determinaram essa subita transformação foram que o christianismo fazia pouco progresso na Persia, excepto no sentido das doutrinas do manicheismo e gnosticismo, mas estes eram muito perseguidos desde o principio, e, segundo Al-Nadim, existiam apenas em diminuto numero no começo do seculo x, sendo então alvo de odios e perseguições da parte dos soberanos da Persia.

Emquanto, pois, o manicheismo ia rapidamente perdendo a sua força, emquanto os seus sectarios se iam reduzindo, victimas d'essa perseguição, a egreja do rito syriaco orthodoxo fazia, na Babylonia, grandes progressos sob o valioso patrocinio dos kalifas; crescia o numero dos seus adherentes, o zelo da propagação ia alastrando por todo o oriente até que os manicheus, deixando-se seduzir pela brilhante perspectiva de poderem viver desafogada e tranquillamente sob o imperio da nova doutrina, abraçaram-n'a, abjurando aquella em que no principio se haviam iniciado.

Quanto aos nestorianos, não ha duvida que elles levaram muito tempo para alcançarem ascendente sobre as egrejas da India, mas não se póde fixar a exacta data de tal acontecimento, parecendo a alguns historiadores que seja no xi ou xii seculo da era christã, o que, de resto, é confirmado pelas inscripções pahlavi que o dr. Hang tem decifrado.

Se não ha, pois, documentos historicos de genuino valor, se não ha vestigios certos e irrefutaveis da missão de S. Thomé na India, a que attribuir-se então a lenda que, atravez de seculos, cristalisou no espirito religioso dos indios e que annualmente attrahe para Meliapur milhares de romeiros em piedosa homenagem junto ao supposto tumulo do Apostolo que *não creu sem ver?*

Temos aqui o phenomeno, que em sciencia se chama a migração

---

[1] *Ind. Antiq.*, vol. 3.º, pag. 311. O prof. Weber notou na sua obra *Krishna janmashtama* uma passagem d'um auctor bysantino que se refere a um bispo syriaco em *Romaguri*, na India. É do seculo xii.

As mais importantes noticias que encontro — diz o citado Burnell — dos nestorianos e syriacos na India são: (1) por Fr. Odorico que esteve na India no principio da seculo xiv e que menciona 15 casas dos nestorianos em Meliapur; (2) por N. Conti que viajou na India no seculo xv e diz ter encontrado em S. Thomé cerca de 1:000 nestorianos. *(India in the 15th century).*» Um christão era *diwan* (1.º ministro) de Vijayanagara pelo anno 1445.

da tradição. Suppõe-se que essa tradição existiu desde a mais remota antiguidade, e que os persas, fundadores da egreja do Malabar, a trouxeram comsigo. Sir W. W. Hunter affirma que «pelo seculo VII, a egreja persa tinha adoptado o nome de christãos de S. Thomé [1].»

Embora o eminente orientalista não baseie essa sua asserção no testemunho de escriptores auctorisados, é certo que ella não hade surprehender ninguem, porquanto a egreja persa, antes da fundação da egreja do Malabar, era nestoriana, tendo uma das suas grandes escolas de theologia a sua séde em Edessa até ao anno 489 da era christã.

Essa cidade Edessa, na antiga Mesopotamia, é das que constituem o centro dos trabalhos evangelicos do Apostolo. Uns dizem que foi ahi que elle soffreu o martyrio, outros que para ali foram trasladadas da India as suas reliquias. Uns e outros produzem argumentos de mais ou menos valor em abono das suas asserções, mas apreciando-se os argumentos á luz do criterio sem as seducções que no espirito produz o fanatismo pela lenda, parece mais provavel que o logar do martyrio, longe de ser a actual India, que, como já demonstrámos, abrangia na antiguidade todo o oriente, foi mesmo Edessa, onde a memoria do Apostolo devia naturalmente ser objecto de muito culto para a *escola persica*. Esse culto, com o volver dos annos, generalisou-se entre os edessanos d'aquella escola e como successivas colonias da egreja persa vieram estabelecer-se no Malabar, foi tambem ganhando terreno a tradição d'esse martyrio, da qual foram ellas as portadoras. E o tempo, que muitas vezes consegue dar fóros de facto a lendas e tradições, deu ao Apostolo S. Thomé, por theatro dos seus trabalhos missionarios e martyrio, a India do Sul, que n'essa epoca nem era conhecida.

Um outro factor que contribuiu para se crear essa lenda, foi a extrema credulidade do povo da India, que, como os scandinavos na Europa, pia e facilmente acredita e segue quaesquer impostores que no meio d'elle se arvorem como inspirados de Deus.

XI

Demonstrada a origem do christianismo na India, não será decerto inopportuno dizer-se alguma coisa com respeito á introducção d'elle em Goa.

Ha quem diga que foram os portugueses que trouxeram a estas paragens a luz do evangelho. Mas contra tal asserção protestam muitos vestigios que os proprios primeiros portugueses encontraram á sua chegada a Goa.

---

[1] Cit. *Madras Journ. of Sc. de lit.* de 1888-89—*The Indian Empire* by Sir W. W. Hunter, 2.ª ed., p. 237.

Que a religião christã era aqui professada muito antes das expedições europeas dos seculos XV e XVI prova-o o facto de se haver encontrado, ao tempo da conquista de Goa, n'um dos pagodes locaes, uma antiga lamina de metal que allude á trindade e á encarnação, e a qual se diz ter sido *doação* d'um chamado *Montrazar* ao referido pagode em data muito anterior a essas expedições [1].

Com relação a esta descoberta, diz o erudito P.e Francisco de Sousa [2], que a lamina é um *indicio efficaz* de ter existido a christandade em Goa bem antes dos portugueses chegarem.

Embora, como já antes dissemos, a allusão á trindade e á encarnação nada prova em abono da existencia dos christãos, porquanto os hindús tambem teem a sua trindade divina e os mysterios da encarnação, parece, todavia, poder estabelecer-se que ambos esses symbolos se referiam á religião christã, visto como a tradição nos diz que Montrazar e sua familia eram christianisados.

Não podemos concordar com o P.e Francisco de Sousa em que elles fôssem «os primeiros proselytos do Apostolo S. Thomé», desde que demonstramos ter sido muito differente da India actualmente conhecida como tal a esphera d'acção evangelica d'elle.

Uma vez que existia Goa, a *Gopacpur* da antiguidade, onde Goalden, da dynastia dos kadambas, lançou os fundamentos d'uma grande cidade, muito antes de 1054 da era christã, póde admittir-se, sem hesitações, que se toleravam n'essa epoca na cidade cultos de todas as especies, como bem o diz F. Dénis no seu citado livro:

«Nenhuma das cidades visitadas pelos portugueses apresentava tantos elementos oppostos de crenças e usos diversos; conquistada outr'ora aos indios, lá se confundiam todas as seitas, do mahometismo, dos turcos, dos rumes, dos mouros propriamente ditos e dos persas. Este ajuntamento de homens, já afeitos a tolerar as crenças reciprocas, era o dominio dos christãos.»

Ha tambem mais um vestigio da primitiva existencia da christandade em Goa.

Quando se levantavam fortificações na aldeia Gandaulim, freguezia de S. Braz, concelho das Ilhas, encontrou-se uma *pedra de ara,* onde estava esculpida a imagem de Christo e a qual foi logo remettida por Affonso d'Albuquerque a el-rei D. Manuel juntamente com outra *imagem do crucifixo de cobre,* que se encontrára nas paredes da cidade velha [3].

Ora tudo isso parece fabula, mas é verdade. Desde que se admitte como possivel o phenomeno da migração da tradição, como esse que fez de S. Thomé o apostolo da India, o que nos

---

[1] Barros, Dec. II, l. 5, p. 97. Cf. o cit. art. de J. Gonçalves no *Inst. Vasco da Gama.*

[2] *Or. Conq.*, c. 1, d. 1, p. 24.

[3] *Gab. lit. das Font*, por F. Nery Xavier, t. 1.º, p. 13; cf. *Commentarios* de Affonso de Alb., parte 3.ª, c. 4.º, p. 21.

obsta a crêr que fossem os proprios persas que houvessem sido em Goa os pioneiros da luz do evangelho, elles que, segundo todas as probabilidades, deviam ter diuturnas relações de tracto commercial com Gopacpur, muito antes de se assenhorearem d'ella os mahometanos?

A religião, como a lingua, acompanha de perto taes relações; ninguem vae a terras estrangeiras encetar vida sem levar comsigo os seus penates, sem ao menos ter a quem elevar as suas preces nas tribulações, quando a sorte lhe é adversa, ou render graças nos momentos em que a fortuna o acaricia com os seus ternos sorrisos.

A migração do culto christão na India realisou-se seguramente nos primeiros seculos, e parece que do sul foi ao norte, pois, como já fica dito, quando Vasco da Gama voltou á India na sua segunda expedição, «assentou tratos de commercio e recebeu embaixada dos christãos de Mangalore e de muitos outros logares, que espontaneamente quizeram render vassalagem a el-rei de Portugal, e se puzeram debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos lugares 30:000 christãos.»

Se, pois, existiam a esse tempo tantos mil christãos em Mangalore, o que nos impede de admittir a sua existencia, em limitado numero que fôsse, na terra que, mais tarde, Albuquerque fez a séde do seu grande imperio no oriente?

Verdade seja que se não póde precisar a data da introducção do christianismo em Goa, mas certo é, segundo os mais irrefragaveis testemunhos, que não é aos portugueses que se deve tal introducção.

O que esse heroico povo fez, foi unicamente afervorar, por meio de medidas, ás vezes de escusada severidade, a crença na religião do Crucificado, sendo certo que o propagal-a foi o ideal dos primeiros viso-reis e governantes, o fim a que parecia obedecer o soberbo plano da côrte de D. Manuel e dos seus successores.

As primitivas guerras dos portugueses no oriente parecem mais antes cruzadas do que pugnas patrioticas, porque mais os estimulava o zelo religioso do que a fé no engrandecimento material e social da patria. Emquanto com as suas caravellas sulcavam ignotos e procellosos mares, e com as espadas talhavam novos dominios para a nação, iam ao mesmo tempo dilatando a fé, regando, quando necessario, com o precioso sangue dos heroes, os alicerces do imperio que edificavam na Asia.

Diz o historiador Gomez Eannez de Azurara, que cinco razões levaram o principe, o contemplativo do rochedo de Sagres, a cogitar na descoberta da India: 1. o seu desejo de saber se havia terras para além das Canarias; 2. se existia porto christão com que pudesse manter relações commerciaes; 3. saber, ao certo, a extensão dos dominios do mouro; 4. encontrar algum potentado christão para o auxiliar nas guerras contra o infiel; 5. propagar a religião de Christo e trazer ao seu gremio o maior numero de almas que pudesse.

Tudo encaminhado a desenvolver o christianismo entre remo-

tos povos! Esse fervor, com que os portugueses dos primeiros tempos procuravam ampliar os dominios da Fé, é, de resto, attestado pela resposta que os companheiros de Vasco da Gama deram a um emissario do Zamorim de Calicut, quando, á sua chegada áquelle porto, foram interpellados sobre o fim da sua expedição: «Vimos buscar christãos e pimenta.» Christãos antes da pimenta, a religião antes do commercio, a Cruz antes da espada. Edificante resposta a d'aquelles bravos e intemeratos heroes, em cujo peito não havia nem sequer laivos de interesse ou calculo, em cuja alma brilhavam as mais esplendidas virtudes!

A exacta data em que a religião christã começou a ter incremento em Goa, sob o influxo dos portugueses, perde-se n'um sem numero de conjecturas, não tendo podido os historiadores vir a accordo em assumpto de tamanha importancia.

Affirmam uns, que Vasco da Gama trouxe comsigo em 1497 a Fr. Pedro de Covilhã, trino, e que foi este o primeiro sacerdote que celebrou missa na India. Pretendem outros que o inclito argonauta trouxe comsigo 5 religiosos, em vez d'um só, mas discorda d'esta asserção o erudito orientalista, dr. J. Gerson da Cunha, demonstrando, por meio de solidos argumentos, que os ditos 5 religiosos acompanharam Vasco da Gama em a sua segunda viagem á India, em 1502 [1].

Outros, finalmente, consideram como os primeiros arautos do evangelho em Goa os 8 religiosos franciscanos que acompanharam Pedro Alvares Cabral, tendo por guardião a fr. Henrique de Coimbra, provincial da Custodia da Piedade em Lisboa e confessor d'el-rei, e que, a 22 de agosto de 1500, disseram missa n'uma capella em Angediva. Fr. Henrique, pelo seu inexcedivel zelo apostolico e notavel prudencia e moderação na propaganda catholica, foi nomeado em 1505 bispo de Ceuta. D'esses 8 religiosos, 3 falleceram em Calicut 33 dias depois de ahi aportarem, e 4 no dia 3 de abril de 1502 [2].

Em face do que se acha exposto, parece mais seguro assignar-se ao anno 1500 o inicio da era das modernas missões portuguesas no oriente, era que foi gloriosamente inaugurada pelos referidos franciscanos com fr. Henrique á sua testa e pelos dominicanos que, em numero de 12, vieram á India em 1503, sendo fr. Domingos de Sousa seu vigario geral e superior [3].

D'essa epoca data o grande progresso que, sob os auspicios dos portugueses, foi por algum tempo fazendo o christianismo na India. Levantaram-se egrejas e ermidas com uma rapidez extraordinaria em 1510. Albuquerque edificou em Goa um templo, assigna-

---

[1] *Origin of Bombay*, p. 121; Cf. *Mitras Lus.; Port. Miss.* etc. por D'Orsey; *As. Port.* III, 29, 48; *Or. Conq.* I, d. 4, § 1.; *Das Ord. relig. em Portugal*, de Pedro Diniz, p. 201.

[2] Cit. *Origin of Bombay;* Cf. *Dec.* de Barros, I, l. 5 c. 1; *Naveg. de Pedro Alv. Cabral*, coll. da Acad. Rl. das Sc. de Lisbea, 2.ª ed. 1867, II, c. 7, p. 117.

[3] Na cit. *Orig. of Bombay* diz o seu auctor que Affonso de Alb. trouxe em 1503 5 monges, 2 dos quaes eram dominicanos.

lando-o por cabeça (cathedral) dos que na India se levantassem, e «para cuja construcção elle e os mais offereceram suas dadivas, como os filhos de Israel para a composição do tabernaculo, tendo-a el-rei D. Manuel dotado liberalmente e enriquecido com muitos ornamentos, lampadas e peças de ouro e prata de incrivel valor, — templo cuja erecção o vice-rei Nuno da Cunha completou em 1528 [1].

Essa nevrose religiosa durou algum tempo sem que se notassem nos indios symptomas de reacção. E' que os primeiros missionarios, e não menos os primeiros viso-reis estavam compenetrados de que só a persuasão, só o amor, que não a violencia e odio, podiam ser efficazes na sua santa propaganda. Homens probos, inspirados nos principios da justiça, d'um caracter moral elevado, sem laivos de hypocrisia ou interesse a deslustrarem-lhes os seus nobres ideaes, não hesitavam em expôr-se a perigos e privações e até mesmo á morte, unicamente pelo zelo sincero e desinteressado de prégar a palavra de Deus onde ella fôsse desconhecida ou de cohibir, com o exemplo da sua vida austera e modesta, com as suas sabias e severas admoestações, os desregramentos dos fidalgos e guerreiros.

A historia regista em letras de ouro os grandes e arduos trabalhos evangelicos de fr. Vicente no Malabar, fr. Antonio do Porto em Baçaim e costa do norte, S. Francisco Xavier na costa da Pescaria e por todo o oriente, — missionarios que se esqueciam completamente na unica e ardente aspiração de dilatar os dominios da Fé no Oriente.

E — facto suggestivo — desmoronou-se o vasto imperio português; cahiram, uma a uma, as formosas perolas que adornavam a corôa dos reis de Portugal, mas subsistem ainda hoje essas immensas populações catholicas disseminadas em ambas as costas da India, em Ceylão, China, etc., a traduzirem na lingua e na religião o influxo da soberania portuguesa, o poder do ensino e do exemplo do padre português em preteritas eras.

A principio, durante a primeira metade do seculo XVI, foi benefica a influencia das ordens religiosas, e embora então existissem alguns frades, que se intromettiam em negocios seculares a que não eram chamados, faltavam, todavia, caracteres immaculados, verdadeiros apostolos do bem, abnegados e singelos como esses a quem acima nos referímos.

Seguiu-se, porém. a esse periodo de zelo religioso, sincero e desinteressado, outro de mais franca violencia, igualmente sincero talvez, mas menos evangelico [2]. Emquanto o poder civil se ia precipitando numa carreira de conquistas com armas diversas das empregadas pelos primeiros heroes, emquanto á testa do governo da India se não deparavam vultos valorosos e desinteressados, emquanto a cupidez, a ambição, o immoderado desejo de engran-

---

[1] *Hist. gen. de la Ind. or.* por San Roman, p. 104 e 449; cit. *Mitr. Lus.*
[2] Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, por Conde de Ficalho, pag. 161.

decimento individual eram os motivos que lhes inspiravam o seu procedimento na administração do paiz, o poder ecclesiastico tambem teve aso para manifestar as suas tendencias absorventes.

Já não era o amor do proximo a estimular os missionarios na sua obra evangelica. «Os portugueses — dizia o santo vice-rei D. João de Castro em carta a el-rei — entraram na India com a espada n'uma mão e com a cruz n'outra; e quando encontraram muito ouro, puzeram de parte a cruz para encherem as algibeiras.

Do mesmo modo os missionarios. No primeiro periodo era puro o seu zelo, mas logo que adquiriram força, principiaram a abusar d'ella. A' persuasão succedeu a violencia. Esquecidos do *omnibus omnia factus sum ut omnes facerem salvos* das letras sagradas, elles começaram a ser conquistadores, e, em vez de se insinuarem nas almas pelo amor, dispararam o seu odio contra os minaretes das mesquitas e as cupulas dos pagodes!

As innumeras cartas dos reis de Portugal aos viso-reis, governadores geraes e bispos, e as provisões d'alguns d'estes, dos primitivos tempos isto é, da segunda metade do seculo XVI e do seculo seguinte, indicam claramente a violencia de que se usava para christianisar. Haja vista o ardor com que o fogoso vigario geral, Miguel Vaz, encetou uma campanha de perseguição contra os hindús; vejam-se as extravagantes instrucções de D. João III a D. João de Castro, as provisões de Francisco Barreto, o violento christianisador da formosa filha de Meale; veja-se, finalmente, toda essa panoplia de armas, que os reis de Portugal, pela instigação do clero regular, cujo poder era então extraordinario, punham nas mãos dos seus delegados da India para destruirem pagodes e idolos, mesquitas e synagogas e sobre os seus escombros edificarem egrejas e cathedraes.

Singular processo d'esse povo, aliás benemerito, o unico que nos consta ter iniciado, logo ao implantar o seu dominio, um systema de intolerancia de cultos, quando é da sua tolerancia que outras nações tiram a força e o prestigio para se insinuarem nas suas possessões.

Os effeitos, pois, d'esse systema não se fizeram esperar. Foi-se rapidamente despovoando o territorio, porque os seus habitantes, não podendo soffrer a perseguição que se lhes movia, fugiram para longinquas terras, levando comsigo os seus penates e tudo quanto tinham [1].

Se a soberania inglesa ainda se conserva incolume e gloriosa na India, apesar de luctarem no seio d'esta elementos de varia natureza para minarem aquella, é que a nação tem seguido uma politica de amor para com os indios, garantindo-lhes, além de muitos outros privilegios sociaes, a conservação dos seus usos e costumes, e sobre isso a regalia, por elles tão apreciada, da tolerancia das suas crenças. Serviu-lhe a lição do triste destino das nações que na sua politica colonial adoptaram orientação diversa.

---

[1] Cf. o nosso «A short sketech of the life & achievements of D. João de Castro,» prefacio e texto.

YALE UNIVERSITY LIBRARY
3 9002 02960 1961

MT41.6
G753o

DATE DUE

MT41.6
G753o

Gracias, J.B.A.
AUTHOR

Origens do Christianismo na
TITLE India.

DATE DUE	BORROWER'S NAME
JUN 1 '68	Bindery

Yale Divinity Library
New Haven, Connecticut